

com Brasil

Inflação ainda preocupa EUA

Silvio Ferraz
Correspondente

28 SET 1985 JORNAL DO BRASIL

Washington — Os prognósticos para a economia brasileira a médio prazo são extremamente preocupantes. Estima-se que a inflação dispare e que o Governo se veja na difícil situação de ter que tomar medidas sem precedentes na economia. A opinião é de um privilegiado observador do panorama econômico brasileiro, baseado em Washington. Para ele, o País precisa explodir como a Argentina para se conscientizar que esta história de inflação não é brincadeira. Ele acredita também que a curto prazo, apesar da alta inflação, o Governo conseguirá manter a situação sob relativo controle, o que poderá garantir uma taxa, no final do ano, da ordem de 240%.

Para esse analista, a única vantagem que existe agora na equipe econômica do Governo brasileiro é um aparente consenso, embora isso não seja o mais importante para os entendimentos do Brasil com os bancos credores e com o Fundo Monetário Internacional. A receita ideal do coquetel brasileiro, segundo ele, é uma mistura de 80% de Dornelles com uma pitada de Sayad. Em sua opinião, Dornelles faria uma administração conservadora, mas que levaria a economia brasileira a bom termo.

“Contrariamente ao que poderia parecer — acrescenta a fonte — a economia brasileira está-se movendo sobre a lâmina de uma navalha. De um lado, os juros estão em dia e não há sinais de que não se consiga um bom saldo comercial no final do ano. De outro, não há qualquer segurança de que os bancos americanos, principalmente os pequenos, não resolvam ficar fora do pacote brasileiro, cortando financiamentos para os bancos brasileiros no exterior financiarem as exportações brasileiras e também atuarem no mercado interbancário. Veríamos novamente o William Rhodes (vice-presidente do Citibank e presidente do comitê dos bancos credores do Brasil) correndo de cidade em cidade, tentando convencer os pequenos banqueiros a não saírem da lista dos credores”. Para o especialista, o papel que está sendo desempenhado por Rhodes se reveste da maior importância neste momento, pois qualquer fissura no bloco dos credores poderá levar o sistema financeiro passar a agir de acordo com o estado de espírito das diretorias de seus bancos e isso não seria bom para o Brasil.

O técnico destaca que, de outra parte, há uma hipótese de trabalho colocada sobre a mesa dos que debatem aqui em Washington a questão da dívida externa brasileira e que pode ser uma outra armadilha para o Brasil, a médio prazo. Trata-se do possível desinteresse dos bancos internacionais com a performance da economia brasileira. Seria deixar prevalecer exclusivamente o interesse pelo recebimento dos juros sem se importar pela forma como o Brasil honraria os seus compromissos. “Nesta hipótese, o Fundo Monetário Internacional passaria a ser uma escala turística para os ministros brasileiros em viagem a Washington. Não haveria qualquer problema enquanto o Brasil pudesse pagar, mas é altamente improvável que, sem uma disciplina na economia, as coisas possam continuar funcionando a contento”, comentou a fonte.

Assim, todas as estratégias que incluem a obtenção de dinheiro novo dos bancos internacionais para o Brasil, esbarrarão numa grande resistência por parte dos banqueiros. É certo que a pontualidade brasileira nos pagamentos dos juros está impressionando. Mas é certo, também, que quem é do ramo sabe que isso se trata de um equilíbrio instável. “Um país com o quadro econômico como o brasileiro não pode se apresentar como solicitante de novos empréstimos com a tranquilidade de que irá obtê-los. “A fotografia do Brasil hoje tirada pela câmera dos banqueiros é como a de um assalariado da classe média: compra o apartamento do BNH, paga o seu carro com financiamento e fecha as contas do mês com cheque pré-datado”, diz o técnico.

De fato, se o diálogo se limitasse aos departamentos econômicos do Citibank ou do Chase Manhattan, para citar apenas dois grandes credores, o Presidente José Sarney não precisaria se preocupar em fazer declarações públicas de que seu Governo não admite o arrocho na economia ou qualquer tipo de constrangimento previstos em todo plano de reajuste que passe pela mesa de negociações do Fundo Monetário Internacional. Isso pode parecer confortável por um determinado tempo, mas seguramente Sarney se veria obrigado a telefonar para Alfonsín para aprender como se faz a mobilização interna contra a inflação. Este desinteresse pelos rumos da economia brasileira e o interesse exacerbado pelo recebimento dos juros já está na ordem do dia entre os banqueiros europeus. Cresce entre eles a idéia de que o melhor a fazer é combinar um esquema viável de pagamentos e deixar a economia interna por conta e risco dos tecnocratas brasileiros.

Mesmo assim, o Governo brasileiro já enviou sinais de que quer um diálogo com o Fundo. Conversar, todo mundo conversa, chegar a um acordo é que são elas, comentou o informante. As eleições municipais estão sendo igualmente acompanhadas desde Washington, pela importância de que se revestem como preliminares para a sucessão presidencial e para a arrumação do quadro político há tanto tempo sufocado pelos regimes militares. Até mesmo o fenômeno Jânio é motivo de comentários. Aqui tem-se como muito salutar o exercício do direito de escolher quem será o governante. Mas considera-se que o Brasil não tem cacife para agüentar o ex-Presidente novamente no comando administrativo de um centro tão importante como São Paulo.

O estado de espírito entre os que acompanham a saúde de um paciente tão delicado como a economia brasileira não é dos mais otimistas, como se pode verificar.